

Vontade de acertar *economia - Brasil*

O GLOBO

16 OUT 1998

ANTÔNIO CARLOS VIANNA LAGE

A versão oficial sobre o motivo da crise que a economia brasileira atravessa continua sendo a instabilidade no mercado financeiro internacional.

O Governo teve de admitir que gasta mais do que pode, mas os pronunciamentos das autoridades acabam dando a impressão de que nada aconteceria se o Japão não estivesse em dificuldade ou a Rússia não tivesse quebrado.

Em retribuição ao voto de confiança que o povo brasileiro lhe concedeu nas urnas, o presidente da República deveria admitir também que o Governo errou mesmo, deixando a economia brasileira mais vulnerável a crises em um momento de grande instabilidade internacional.

Os países atacados pela especulação foram exatamente os que cometeram mais erros, e não é por outra razão que o Brasil agora é o mais ameaçado e depende de ajuda estrangeira. As empresas, os trabalhadores e a população terão de pagar caro por tudo isso.

A autocrítica oficial produziria, seguramente, efeitos benéficos para o próprio Governo. Primeiro, porque um diagnóstico verdadeiro é sempre de grande ajuda na busca de soluções. Depois, porque as soluções vão depender do apoio e da participação da sociedade e isso, por

sua vez, depende da boa compreensão do problema. E, também, porque boa parte das autoridades e dos altos funcionários continuam arrogantes, agindo como se não tivessem nada a ver com o estrago que ajudaram a fazer.

Um exemplo típico é o mercado de capitais.

Temos alertado há anos que o modelo adotado no Brasil é equivocado, por não se preocupar em criar uma grande base de acionistas e uma cultura de investimentos em ações junto à população. Esta é a única forma de construir um mercado de ações sustentável e que seja efetivamente um instrumento de capitalização para as empresas, ajudando a viabilizar investimentos produtivos.

O Brasil tem tudo para isso. Tem uma economia dinâmica e boas empresas. Possui bolsas de valores tradicionais e equipadas com o que existe de mais moderno no mundo em termos de tecnologia e de recursos operacionais. E tem, principalmente, milhões de investidores em potencial, sem alternativas além das cadernetas de poupança e, quando muito, dos fundos de renda fixa.

O mercado de ações gira muito dinheiro no Brasil, mas é em torno de negócios com meia dúzia de empresas com liquidez. O investidor de verdade já fugiu das bolsas há muito tempo. O que existe são aplicações em busca de alto retorno, o

mais depressa possível. Nada contra estes aplicadores e nem mesmo contra os especuladores, que têm o seu papel no mercado.

O que não é possível é um mercado de ações sem investidor de longo prazo, que acredite no que está comprando e que se remunere pelo lucro gerado pela produção e pela boa administração das empresas. Este investidor pode não fazer as bolsas irem para o céu de uma hora para outra, mas também não debanda como num estouro de boiada.

Enquanto isso, a nossa Comissão de Valores Mobiliários (CVM) não move uma palha para fomentar um mercado de ações consistente e maduro, o que é efetivamente uma de suas funções.

Ao contrário, ela assiste passivamente à continuada cassação dos direitos dos acionistas minoritários, contribui para o enfraquecimento das corretoras e distribuidoras de valores e ainda propõe o fechamento das bolsas regionais.

Alguns dirigentes da CVM viajam muito. Vão muito ao exterior para participar de reuniões e congressos, mas não prestam atenção no que o mercado interna-

cional tem de melhor. Eles seguramente já ouviram falar em "yield", o retorno que o pagamento de dividendos representa para o acionista. Mas aqui são raras as empresas que praticam uma política responsável de dividendos.

Eles também devem saber que, nos Estados Unidos, corretora é corretora e que banco é banco. Cada um tem sua função. Mas aqui o Governo praticamente

obrigou as corretoras, que eram de verdade, a se transformarem em bancos de ficção, que agora estão desaparecendo. As poucas corretoras independentes que sobreviveram enfrentam a concorrência desleal dos bancos, que na verdade não estão nem um pouco interessados no mercado de ações.

O Brasil perdeu uma das maiores oportunidades históricas de criar um grande

mercado de ações, através da pulverização do capital das empresas privatizadas. Poderíamos ter, já agora, algumas dezenas de empresas verdadeiramente abertas, seguindo o exemplo do que ocorreu na Inglaterra e em outros países. E o que temos são monopólios estatais transferidos para monopólios privados e blocos de controle com acionistas bri-

gando entre si.

Não bastasse tudo isso, não vemos da parte dos dirigentes da CVM nenhum sinal de autocrítica. Pelo contrário, eles insistem no modelo falido e ainda propõem o fim dos mercados regionais de ações.

Seria bom que aproveitassem esse momento, em que o país vive uma grande crise e, ao mesmo tempo, a esperança de um novo período de governo, para refletir e começar a fazer a coisa certa.

Primeiro, preservar o pouco que sobrou de uma política destrutiva: as corretoras e distribuidoras independentes e as bolsas regionais. Depois, aproveitar essa estrutura para fomentar mercados regionais para que empresas de médio porte comecem a ter acesso ao mercado de ações.

Finalmente, que comecem a restaurar os direitos dos acionistas e a introduzir os regulamentos que estimulem as empresas a pagar bons dividendos e que tornem a ação um título que mereça o respeito e a confiança do investidor.

O mercado de capitais e a economia brasileira só terão a ganhar se essas autoridades tiverem mais humildade e vontade de acertar.

ANTÔNIO CARLOS VIANNA LAGE é presidente da Comissão Nacional de Bolsas de Valores (CNBV) e da Bolsa de Valores Minas-Espírito Santo-Brasília (Bovmesb).

Não é possível
mercado de
ações sem
investidor de
longo prazo.
